

Proletários de Todos os Países: UNI-VÓS!

EX-CONTINENTE!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

AS COMEMORAÇÕES DO 5 DE OUTUBRO CONSTITUÍRAM UMA GRANDE JORNADA DE LUTA EM DEFESA DA DEMOCRACIA!

As comemorações do 5 de Outubro deste ano mobilizaram milhares e milhares de democratas e republicanos portugueses através de todo o País, desde os grandes centros às mais modestas aldeias. Esta grandiosa jornada prova claramente a toda a gente os anseios do nosso povo, o seu desejo de se unir em volta dos ideais democráticos, de reconquistar as liberdades democráticas.

A estreita comunhão dos democratas de várias tendências com o povo, no decorrer das comemorações deste ano, mostra-nos que os democratas não leem o povo e que, antes pelo contrário, com esse com que ganham mais combatividade e mais confiança no futuro.

As romagens de milhares de democratas aos cemitérios da Lisboa, Porto e de outras cidades e vilas do País; o entusiasmo apoteótico com que decorreram numerosas sessões solenes; as afirmações de muitos oradores plenas de madura consciência do presente e do futuro; o entusiasmo com que foram saudadas todas as afirmações em defesa da unidade; a participação de numerosas delegações operárias nas comemorações; al estado de totalunidade convincentemente a reconciliação da grande família democrática e o desejo que anima as massas populares. Como salientou o Dr. Mayer Garcia na sessão pública da Lisboa, *«la qualquer coisa de novo que nos reavira e que nos aponta o caminho que temos de seguir»*. Esta coisa nova é o desejo de um único que hoje anima todos os democratas sinceros e que responde a um imperativo nacional e é, também, fruto das possibilidades reais da democracia e de unidade das massas de participarem activamente nessa acção patriótica.

As comemorações do 5 de Outubro pertencem esse ano intimamente ao desejo de unidade e de república. O governo e as entidades; abandonaram-se, ficaram isolados. Mais, torpedearam muitas iniciativas, tornaram impossíveis várias comemorações

por parte das forças democráticas através de todo o País com a proibição de sessões públicas e de outras manifestações populares.

O Partido Comunista tinha razão quando disse que era possível a unidade de acção dos democratas portugueses. O Partido Comunista sabia que essa unidade representava um anseio das massas populares, que só dessa unidade esperam a reconquista das liberdades democráticas. As tendências da unidade que o País começou a viver são a melhor confirmação desses anseios e abrem novos caminhos ao nosso povo. Importa que todos os democratas saibam por de lado velhas questões e saibam corresponder à vontade popular, unindo os seus esforços num único e poderoso movimento.

As comemorações do 5 de Outubro deste ano, mais do que ao do ano passado, tiveram a caracterizá-las a participação entusiasta de democratas e republicanos de todas as tendências, os fortes e os fracos, em volta do ideal democrático e republicano. Essa unidade prova-nos que é possível en-

contrar plataformas de entendimento e de acção entre todos os democratas, sejam eles das esquerdas ou das direitas, que é possível a formação dum vasto movimento de oposição anti-salazarista. Como muito justamente afirmou o Dr. Nuno Rodrigues dos Santos no banquete de Lisboa, chegou «o momento de todos se unirem estreitamente, abandonando de personalismos e pondo acima de tudo o desejo de construir a obra imortal dos fundadores da República».

Os democratas portugueses não esqueceram as vítimas do governo salazarista que jazem há muitos anos prisioneiras e, por isso, em Lisboa, Porto, Portalegre, Barreiro e muitas outras localidades foram formulados votos por uma amnistia política ou enviados telegramas pedindo essa amnistia ao Presidente da República.

As comemorações do 5 de Outubro deste ano foram um grande passo dado pelos democratas portugueses e devem ser o

(continua na pág. 2)

QUE CESSA A REPRESSÃO AO POVO DE GOA?

da Câmara Municipal de Salsete e médico no Hospital de Anand COLACO, enfermeiro e irmão do Bispo Colaco, etc.

A repressão salazarista em Goa é cada vez mais violenta e não poupa já os soldados e os prisioneiros. Há Goas suspeitos de murmurar contra a política repressiva do governo. Os soldados são frequentemente espancados e presos, e assassinados. O jornalista de imprensa GRACA BATISTA foi demitido e entregue à PIDE, onde se encontra preso e isolado há vários meses acusado de contar na sua correspondência o terror português em Goa. O jovem engenheiro BROTAS acusado de se corresponder com aquele oficial foi preso pela PIDE, em Lisboa, encontrando-se há meses isolado.

Esta repressão e a recusa do governo em dar liberdade ao povo de Goa, está a afetar os goas para actos de desespero, da violência e a sublevar como forma de manifestarem o seu crescente descontentamento contra o domínio e opressão dos portugueses. A resistência armada continua a crescer. O exército de libertação ou menos organizada entre os goas.

Proseguindo a sua política repressiva para com o povo de Goa, que tantas vítimas custou ao povo português, há Goas que doaram os bens e dinheiro da nação (só nos últimos 4 anos as despesas militares em Goa sobram a 500 mil contos), o governo português criou uma comissão do povo goas para com os portugueses, sendo por isso de esperar que aumente a sua resistência armada, contra as violências das autoridades portuguesas.

Goa ameaça tornar-se o túmulo de muitos filhos do povo português para ali enviados pelo governo fascista de Salazar. Este envio de soldados e prisioneiros para Goa para quem nem um soldado seja enviado para Goa e para que regressem os que lá se encontram.

O povo português não quer oprimir o povo goas e esta deve ser livre e senhor do seu próprio destino!

POR QUE SOBRE O CUSTO DE VIDA? POR QUE EXISTE A ESCASSEZ E A VIDA CARA?

A escassez e as privações que o povo português sofre, nas suas vidas, são o resultado do baixo nível de vida, sério, como tentam fazer crer os governantes salazaristas, uma consequência fatal do baixo rendimento nacional.

Será porque o rendimento nacional seja tão baixo na elevação do nível de vida e bem estar do povo português que o governo, como disse o ministro das Corporações, considera perigosa e anti-social a política do aumento maciço dos salários? Ou será antes porque o governo, uma vez que representa não os trabalha-

dores mas sim os monopólios, é os interesses e os desejos de alguns e não os interesses dos trabalhadores?

Se a vida está cada vez mais cara, se os preços sobem, não é, como disse ainda o Sr. Ministro, em consequência das circunstâncias económicas que o governo, não se preocupando em fomentar e auxiliar os meios de economia ligados à produção de bens de consumo, gasta os rendimentos da Nação em preparativos militares e na compra, no estrangeiro, de custosas armas de guerra.

Para que estas questões fiquem ainda mais claras aos olhos de todos, vejamos alguns factos concretos da situação do nosso povo e da política do governo.

Numa reunião da Câmara Municipal de Guimarães foi criticado o elevado custo de vida em desarmonia com os ordenados e possibilidades de aquisição da maioria da população que está a passar por uma grande crise. Foi aprovada uma proposta de primitiva do género em qualquer município do País — reclamando provisórias (do «Jornal de Notícias»).

Em vários pontos do País, particularmente na província, sobem os preços dos géneros de primeira necessidade. Assim, no «Século» de 22 e 29 de Setembro vêm notícias da falta de azeite-deco em SANTARÉM, CAMACIM, VIMIEIRO (ALENTEJO), SÃO MANOEL, IGLOO do concelho de BARQUINHA, CONSTÂNCIA e em CANHA. Nalgumas destas localidades, que são produtores de azeite, uma tal escassez nem durante a guerra se verificou. Em várias localidades do Norte tem faltado também a mistura de azeite-deco e na região de VIANA DO CASTELO há falta de milho e de farinha. A carne falta por toda a parte, sendo a que aparece objecto da mais negra especulação. Em PIAS, o bacalhau, que são produzidos o quilo e o toucinho a 25500. O azeite, quando aparece, é também a 20500 o litro.

Esta é a situação de dificuldades em que se encontra o povo português. O governo para fazer face à escassez e à vida cara, com os baixos salários que o governo, pela boca do ministro das Corporações, se nega a aumentar.

O governo não resolve as dificuldades de abastecimento do nosso povo e nega a possibilidade dum aumento maciço dos salários e ordenados, declarando que o rendimento nacional não permite fazê-lo.

(continua na pág. 2)

SOLDADOS

«cansados, enlameados e famintos»

No curto espaço de 15 dias e a dois meses apenas das últimas manobras de recrutamento, os soldados desceram para uma nova série de preparativos militares.

Realizaram-se as manobras aéreas cujos riscos, como os jornais diários noticiaram, são eram conhecidos pelas alas de regime militar norte-americana. Efectivamente, o desprezo com que se encara a vida dos soldados é chocante, pois se chega a afirmar que o risco destes treinos aéreos é um risco calculado porque compensa certos benefícios a colheita (o «Século» de 12-5-56).

Poucos dias depois, o ministro salazarista Santos Costa, que sempre se evidencia pelas suas afirmações de subserviência aos imperialistas, declarou ao general americano Gruenther, comandante-supremo essencial da NATO, que podia contar com os soldados portugueses para defender a chamada civilização ocidental. Posteriormente, também afirmou a Montgomery que o exército militar português no quadro da aliança atlântica não afrouxaria. Quer dizer, pôs

as forças armadas portuguesas, a vida dos jovens portugueses, à disposição dos azeites da guerra e das manobras militares que só trariam a ruína e mais miséria ao nosso povo. Santos Costa definiu uma política em contraste flagrante com o desanvolvimento internacional. De resto, basta recordar que Portugal foi o único país da Europa que realizou manobras terrestres de Outono.

A 25 de Setembro, quando no Tejo ainda se encontrava uma esquadra americana, chegaram também o secretário-geral da Defesa dos Estados Unidos e o general inglês Montgomery, que, juntamente com outro militar estrangeiro, o general Carter, inspecionaram e controlaram directamente nas recentes manobras realizadas no Alentejo.

Montgomery, como é já seu costume quando fala perante os lacaios salazaristas, portou-se como patrão autoritário e como acrobata da guerra. «... e como quem quer ver se os soldados estão imbuídos de espírito ofensivo, que é o sucesso na guerra — disse Montgomery. «Eu gostaria de ver se os soldados estão imbuídos de espírito defensivo, que é o sucesso na guerra».

Estas miráveis considerações na boca, ainda por mais, de um estrangeiro, não podem deixar de revoltar os soldados e os oficiais honrados de Portugal, que não podem tolerar este vil servilismo.

«Cansados, enlameados e famintos» para que? Para defender a Independência Nacional, para defender os interesses sagrados da Pátria Não. Os soldados portugueses são obrigados a fazer manobras e treinos nas piores condições, efectivamente cansados e famintos, atravessando rios com água até ao peito, e alguns delas em condições de extrema dificuldade, sob a própria morte ou ferimentos graves — tudo isto para servir os interesses das grandes potências, como os Estados Unidos e a Aliança, os interesses das próprias saqueadoras da nossa Pátria, dos nossos prisioneiros inimigos.

Estes factos demonstram que o Partido Comunista português tem razão quando mostra o verdadeiro significado do Pacto do Atlântico e as consequências que adviriam da adesão de Portugal a tal pacto. Quando mostra o carácter agressivo do

NATO, quando dizia que o nosso país seria arrastado para planos guerrreiros que representem um sorvimento de vidas e de bens e, consequentemente, maior miséria para o povo (São estas manobras, que mobilizaram 30 mil homens, a despesa EX-TRAVELADA de 12 milhões de contos de um conto de reis. Isto sem contar as numerosas despesas e os materiais e equipamentos levantados dos depósitos e que foram muitos os soldados «recrutados» (discursos do ministro S. Costa de 29-9-56). Quando dizia que a bandeira da Independência e da Soberania nacionais estava sendo posta de trás pelos salazaristas).

Ontem como hoje, o caminho que o Partido Comunista indica é o da luta à escala nacional contra a política de guerra do salazarismo, e o da luta pela paz, pela coexistência pacífica, por relações amigáveis entre os povos de todo o mundo.

O 60.º ANIVERSÁRIO DE JACQUES DUCLOS

No dia 2 de Outubro completou 60 anos de existência o camarada Jacques Duclos, cuja vida tem sido inteiramente dedicada ao serviço do povo de França e do Partido Comunista francês. O camarada Jacques Duclos fez parte do Bureau Político do Comité Central do seu partido desde 1931 e é deputado pelo Sena na Assembleia Nacional francesa, desde 1926.

Filho de camponeses, Jacques Duclos começou a ganhar a vida aos 16 anos de idade. No decorrer da Grande Guerra, participou, de 1915 a 1917, em várias batalhas contra os alemães, tendo sido ferido e preso prisioneiro em 1917. Vinte anos depois, na luta clandestina contra os invasores nazis da sua pátria, Jacques Duclos desempenhou um papel de primeiro plano na direcção e actividade dos comunistas fran-

ceses. Em Julho de 1940 foi, com Maurice Thorez, o primeiro-ministro do Comité Central do seu Partido, chamando o povo de França à luta contra o invasor e contra os traidores franceses. Em Agosto de 1944 foi um dos organizadores da insurreição parisiense.

Jacques Duclos, que esteve em Portugal em 1931, é um grande amigo do povo português, cuja vida está profundamente enlaçada com a luta contra os seus inimigos e lhe merecem o maior respeito.

Após o fim da 2.ª guerra mundial, o camarada Jacques Duclos, o Comité Central do Partido Comunista português, expressando o anseio de todo o Partido e dos trabalhadores portugueses, deseja calorosamente este querido camarada e deseja-lhe longos anos de vida e de bom trabalho ao serviço do seu grande Partido e do grande povo francês.

J. Duclos

OÍÇA A RÁDIO!

Se quer ser esclarecido correctamente acerca do curso dos acontecimentos históricos que se desenrolam no mundo, oíça:

Rádio Moscovo:

Que transmite para Portugal todos os dias, das 21 horas às 21,30, pelas ondas de 19 e 25 metros e das 22 às 22,30 em 19, 25 e 31 metros.

Rádio Pequim:

Que transmite, diariamente, em espanhol, das 18,30 às 19 horas e das 22 às 22,30 horas nas ondas de 25 e 31 metros.

Rádio Espanha

Independente:

Que transmite todos os dias, em espanhol, nas ondas de 37,39 e 43 metros, desde as 18 horas às 23, com um curto intervalo de 2 minutos em cada meia hora.

